

TERMAS ROMANAS CHAVES

Caderno do Professor



TERMAS
ROMANAS
CHAVES

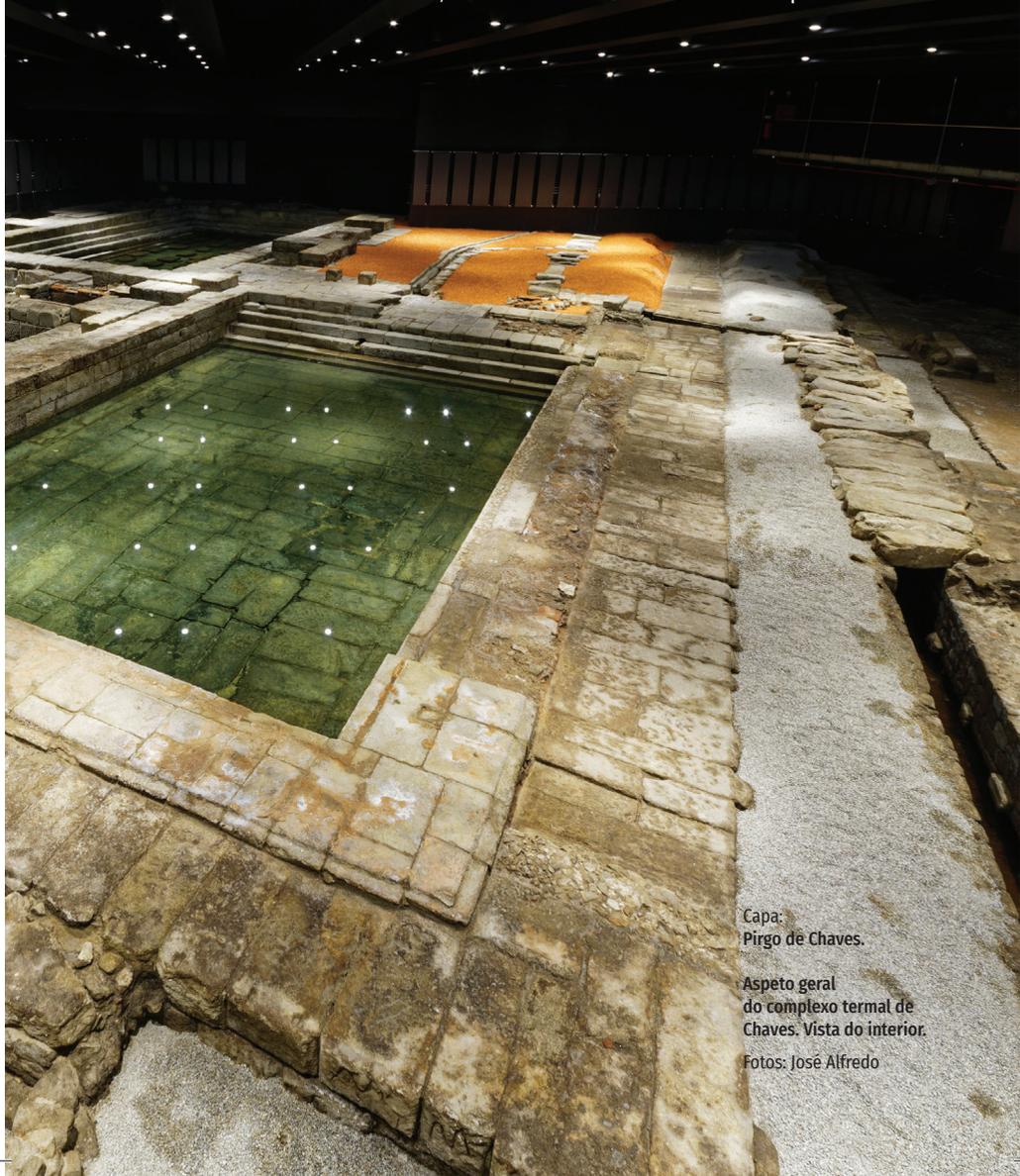
TERMAS ROMANAS CHAVES

Bem-vindo às Termas Romanas
de *Aquae Flaviae*.



Encontra-se perante um dos mais extraordinários e bem conservados complexos de águas medicinais do mundo romano e para preparar ou complementar a visita de estudo dos seus alunos, elaboramos este pequeno caderno de apoio que conta a história deste incrível achado e não só. Com o conteúdo deste caderno educativo,

poderá, se assim o entender, preparar uma visita às Termas Romanas de *Aquae Flaviae* em contexto de sala de aula, ou complementar a visita de estudo efectuada e o próprio programa curricular nesta matéria. Poderá, igualmente, através do conjunto de atividades pedagógicas associadas, explorar um pouco da vida e dos momentos de ócio dos aquistas.



Capa:
Pirgo de Chaves.

Aspeto geral
do complexo termal de
Chaves. Vista do interior.

Fotos: José Alfredo

OCEANO
ATLÂNTICO

Chaves. Uma grande urbe romana

■ Chaves foi a grande *Aquae Flaviae*, uma das cidades mais importantes da época romana do nosso território. *Aquae Flaviae* terá tido origem numa mansio (pousada) que se encontrava no local onde a grande via que ligava *Bracara Augusta* (Braga) a *Asturica Augusta* (Astorga) atravessava o rio Tâmega. Este pequeno aglomerado urbano era designado por *Ad Aquae* (junto de águas), devido à presença de fontes termais, e seria ponto de passagem de todos aqueles que circulavam na Via XVII, uma das mais antigas vias romanas no noroeste peninsular, construída pelo Imperador Tibério (14 a 37 d.C.) e pela sua legião *X Gemina Felix*.

A posição geográfica de *Ad Aquae* entre *Bracara Augusta*, a atual cidade de Braga, e *Asturica Augusta*, a atual cidade de Astorga, ambas capitais de província, os bons terrenos agrícolas, a proximidade com as minas de ouro de Jales e de

Três Minas, em Vila Pouca de Aguiar e, sobretudo, a existência de águas termais, fez com que se transformasse num dos pontos mais estratégicos de toda esta região.

O aglomerado urbano cresceu rapidamente, tendo sido elevado entre os anos de 73 e 74 d. C. a *municipium latinum* (município), passando a usufruir do *ius Latii* (direito latino), lei que conferia a cidadania romana a povos indígenas. Terá sido, igualmente, nesta altura que o imperador Tito Flávio Vespasiano rebatizou a cidade com o nome de *Aquae Flaviae* (águas de Flávio).

Com base no registo dos marcos miliários existentes (padrões em pedra que eram colocados nas vias romanas com intervalos de cerca de 1480 metros) e no Itinerário de Antonino (registo do século III d. C. contendo as distâncias e estações existentes ao longo das



DIVISÃO ADMINISTRATIVA DA HISPÂNIA ROMANA

Mapa à esquerda:
31 a.C./séc. II d.C.; Hispania alto-Imperial
Mapa à direita:
séc. III d.C./IV d.C.; Hispania baixo-Imperial

várias estradas do Império Romano), podia-se chegar a *Aqua Flaviae* por oito vias diferentes, duas das quais estatais principais. Este facto, atesta a importância e a preponderância que *Aqua Flaviae* teria na antiga Hispânia Romana.

Podemos, então, dizer que a cidade de Chaves foi uma das mais importantes cidades romanas da província imperial *Hispânia Tarraconense*, cuja capital se encontrava sediada em *Tarraco* (*Tarragona*) a cerca de 1000km de distância. A partir do século IV *Aqua Flaviae* passa a estar integrada na província da *Gallaecia*, região administrativa romana que abrangia toda a área noroeste da Península Ibérica e cujo nome deriva da principal tribo que habitava a região na Idade do Ferro, os *Gallaicos*.

■ *Aqua Flaviae* era uma típica cidade romana que se assumia como capital de *civitas* (região administrativa/distrito). Tal como era comum nas cidades romanas, o centro cívico, administrativo

e religioso da vida municipal era o fórum. Era aqui que se cruzavam as duas artérias principais: o *Cardo* (via de sentido norte/sul) e o *Decumanos* (via de sentido este/oeste) *Maximus* de onde irradiavam os restantes arruamentos num traçado urbano regular, ordenando as zonas habitacionais de casas abastadas (*domus*), prédios (*insulae*), áreas comerciais (*tabernae*) e os cemitérios que se encontravam fora da cidade, junto às portas de acesso. No caso da nossa cidade, o fórum estaria no Largo Camões ou Largo Principal, junto à câmara municipal.

Em *Aqua Flaviae* controlava-se a mineração e o transporte do ouro explorados nas minas próximas de Jales e de Três Minas, em Vila Pouca de Aguiar, e aqui chegavam milhares de doentes que vinham de grandes distâncias para se tratarem. Efetivamente, o que marcaria a imagem urbana de cidade era a monumentalidade do Complexo das Termas Mediciniais e a ponte sobre o rio Tâmega, a chamada Ponte de Trajano.



Ponte Romana de Chaves,
também denominada Ponte de Trajano.

■ A Ponte de Trajano é o reflexo claro do chamado processo de romanização. Entende-se por romanização a disseminação da cultura e dos princípios romanos através da aculturação e da apropriação cultural por parte dos povos autóctones anexados durante o período de expansão da República e do Império Romano. Por isso, dizemos que os romanos nos deixaram as estradas, as pontes, os aquedutos, as termas, o traçado urbanístico, a língua, as leis, as atividades lúdicas, os dias festivos etc.

Datada do ano de 104 d. C., a Ponte de Trajano acompanharia o traçado da Via XVII e terá sido edificada com a ajuda de dez povos que se encontram listados num padrão viário, o chamado Padrão dos Povos, datado do ano de 79 d. C. Este foi consagrado a Vespasiano, Tito e Domiciano, imperadores da dinastia

Flaviana, e à Legião VII *Gemina Felix* pelos: *Aquiflavienses, Aobrigenses (?), Bibali, Coelerni, Equaesii, Interamici, Limici, Naebisoci, Quarquerni, Tamagani*. A ponte é composta por um tabuleiro plano com cerca de 140 m de comprimento, revestida a pedras almofadadas (pedra lavrada cuja face possui um ressalto criando um efeito ornamental) de granito. O suporte é feito através de 18 arcos de volta perfeita dos quais apenas 16 são visíveis. Para além do Padrão dos Povos, podemos encontrar a Coluna de Trajano, uma coluna comemorativa do termino da sua construção no ano 104. d. C.

O apogeu de *Aquae Flaviae* ocorre entre os séculos II e III d.C., sendo que no começo do século IV d.C. verifica-se um progressivo declínio da sua importância por motivos políticos e de segurança.



Um as termas especiais

■ As águas são recomendadas, desde a antiguidade, como terapia para as doenças *exteriores e interiores*. As águas minerais atraíram, assim, desde cedo, os povos antigos, com especial relevo para os romanos. Nos locais onde estas águas minerais brotavam, construíram imponentes edifícios denominados de termas medicinais.

As termas romanas de Chaves fazem parte de um grupo restrito de termas chamadas de medicinais. De facto, o tipo de termas romanas mais comuns, são as denominadas por termas higiénicas, de carácter público ou privado e que podem ser encontradas nas cidades e nas *villae*. São dois

tipos estruturalmente diferentes, pois enquanto que para as termas higiénicas, havia a necessidade de aquecer a água e o ambiente através de uma estrutura chamada de hipocausto, já nas termas medicinais, isso era garantido pelas águas quentes que brotam do subsolo.

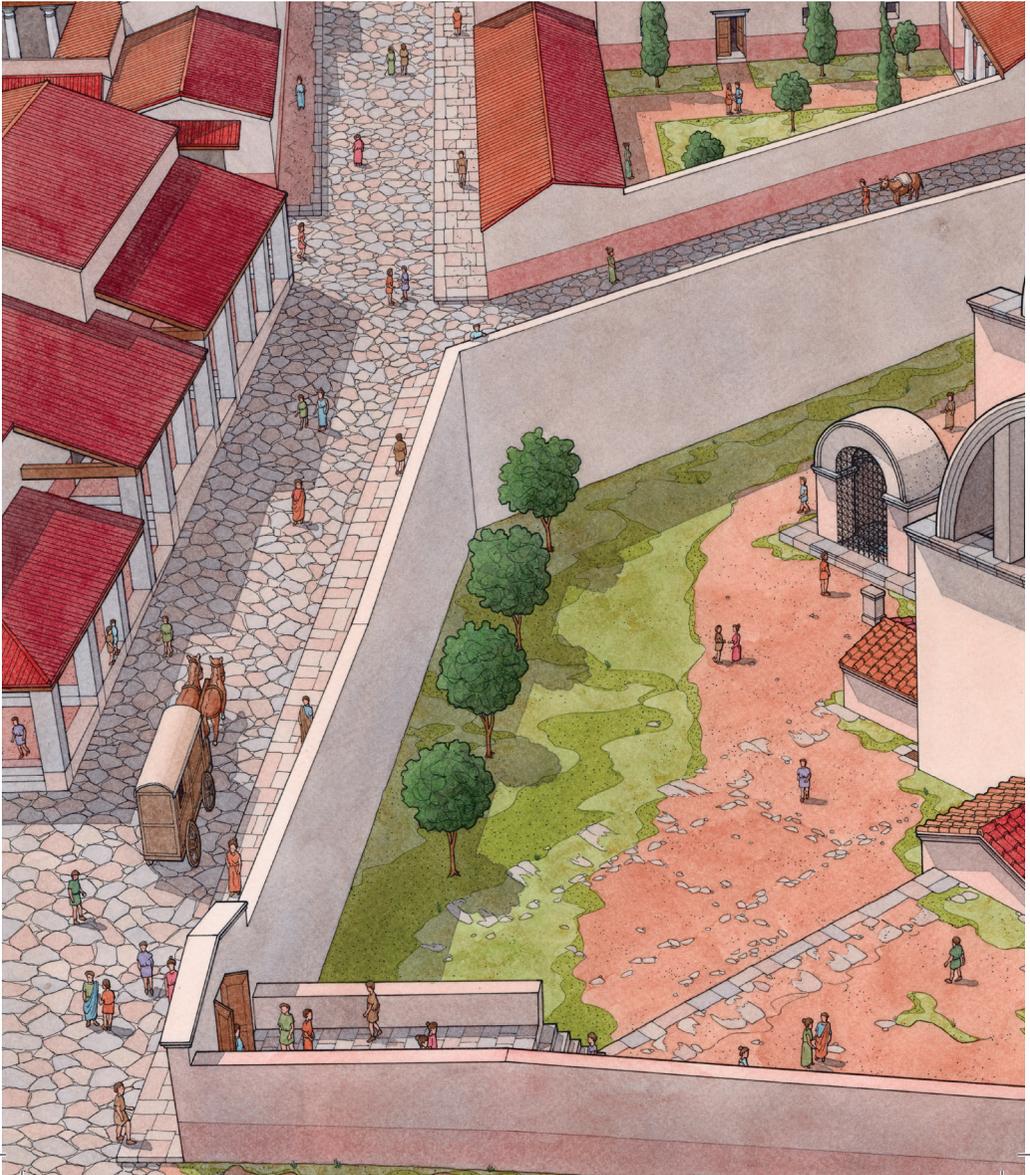
Assim, ao invés das termas higiénicas que possuíam um percurso por diversas salas que correspondiam às etapas do trajeto de um aqvista, como o *apoditerium* (vestiário), o *tepidarium* (sala de banhos tédidos), o *caldarium* (sala de banhos quentes), o *frigidarium* (sala de banhos frios) e o *sudat6rium* (sauna), as termas medicinais desenvolviam-se em torno de uma ou mais piscinas aquecidas por águas mineromedicinais.

Uma ida às termas

■ O complexo termal de *Aquae Flaviae* foi edificado sobre nascentes de águas mineromedicinais que brotam do solo a uma temperatura de 76°. Os trabalhos arqueológicos permitiram individualizar duas fases construtivas: a mais antiga,

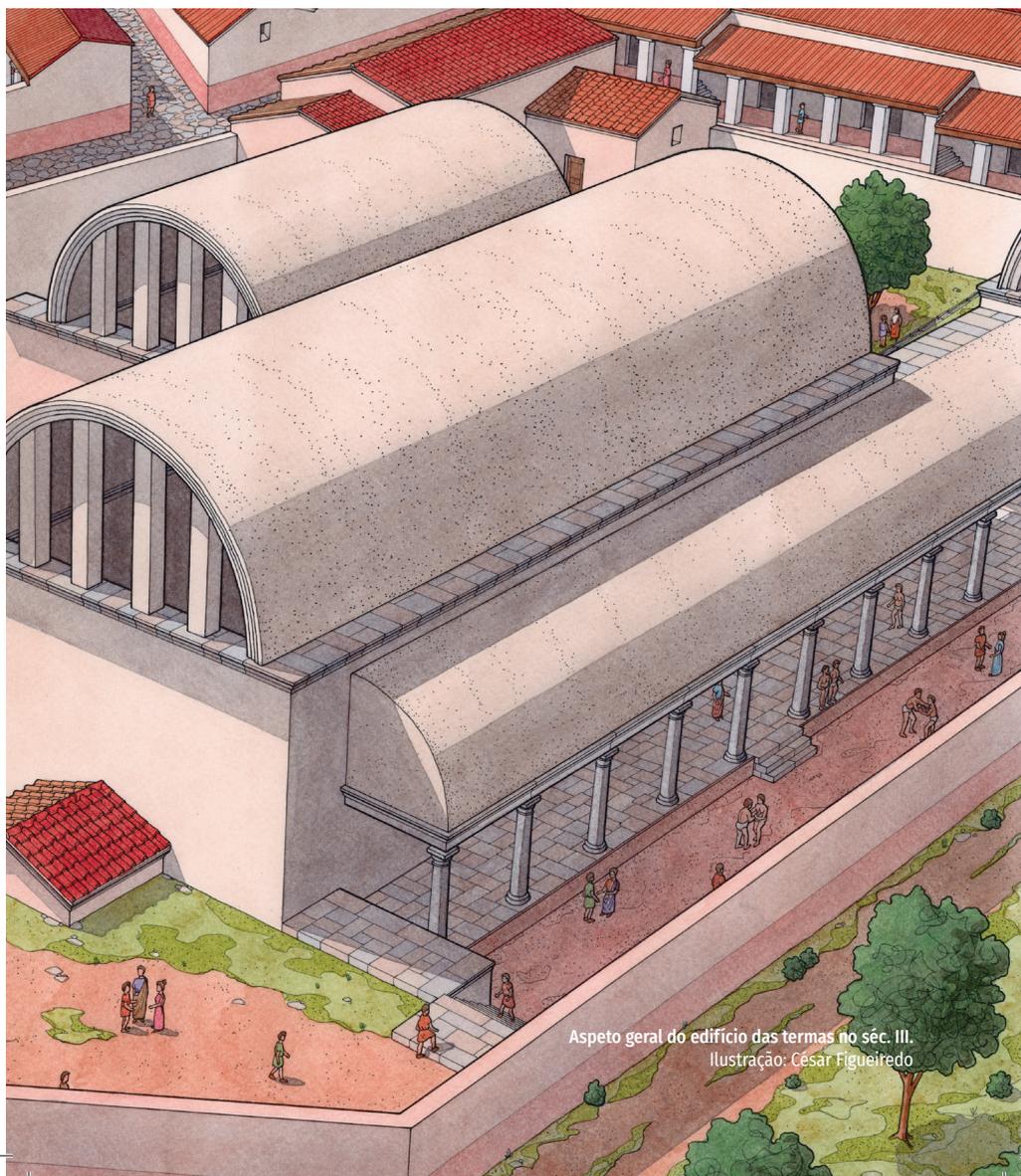
do século I, da qual apenas resta um hipocausto, uma sala, uns pavimentos e os vestígios de um muro, pertencente a umas termas higiénicas.

Entre os finais do século II e o início do século III da nossa era, assistiu-se a uma



grande obra de renovação, à qual pertencem grande parte das ruínas que se podem observar atualmente. Aqui, e à semelhança dos dias de hoje, tratavam-se as maleitas reumáticas e músculo-esqueléticas devido à ação anti-inflamatória das águas, as afeções do aparelho digestivo, as doenças

crônicas e alérgicas das vias respiratórias e as doenças de pele. Porém, antes de entrar, havia que pagar o tratamento e este dependia do montante que o doente queria despendar. Se, por exemplo, queria usufruir das piscinas individuais, pagava mais.



Aspeto geral do edifício das termas no séc. III.
Ilustração: César Figueiredo

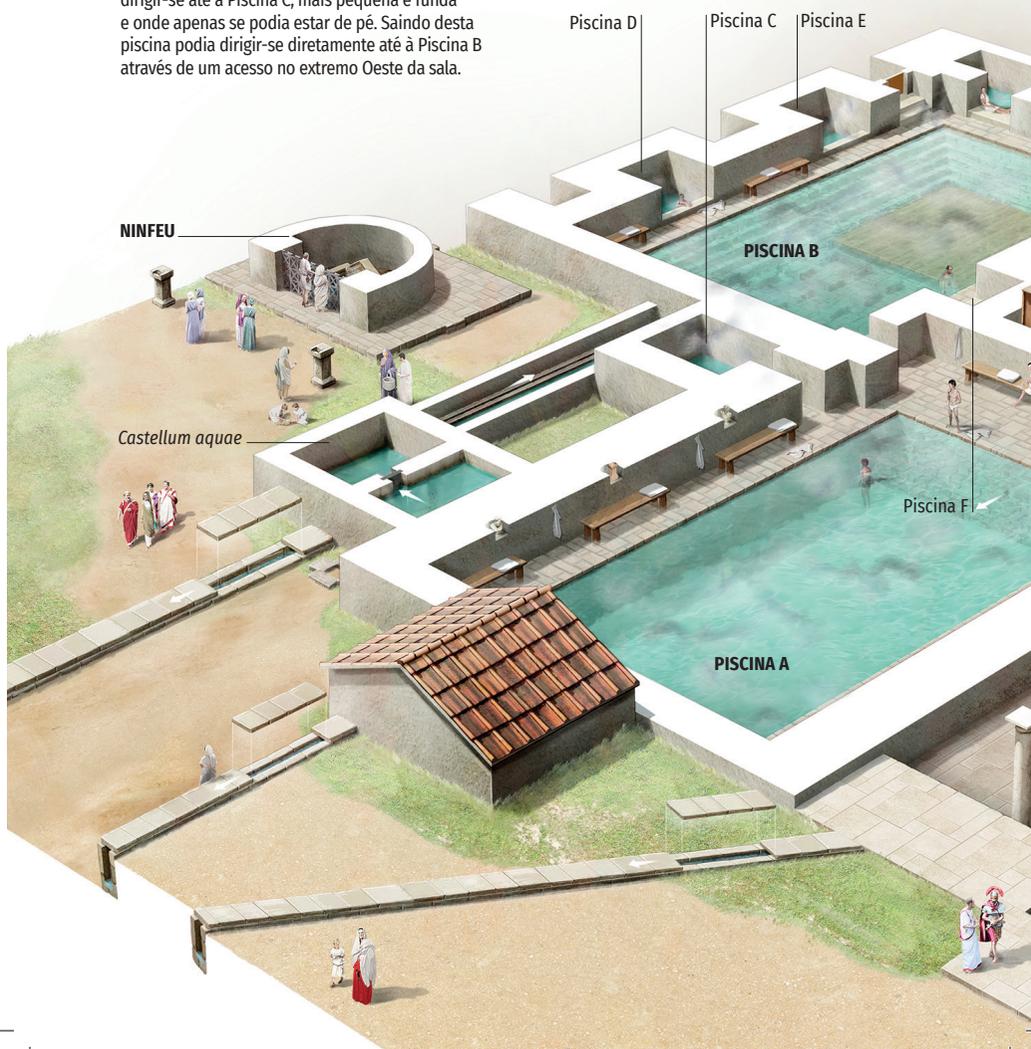
Edifício termal do século III

PISCINA A

Entrar na sala onde se encontra a Piscina A, devia causar um impacto incrível pois esta piscina tinha 13,22 m de comprimento, 7,98 m de largura e 1,63m de profundidade, sendo coberta por uma enorme abóbada de canhão com 10m de altura. Antes de descer os degraus para dentro da água, o aquista podia pousar a toalha num dos bancos que se encontravam ao lado da porta. Nas escadas encontravam-se homens e mulheres sentados nos degraus, uns com a água apenas pelos joelhos, outros com a água pelo pescoço. Tudo dependia da terapêutica que fora aconselhada para enfermidade de que padeciam. Contudo, se queria a água um pouco mais quente, podia dirigir-se até à Piscina C, mais pequena e funda e onde apenas se podia estar de pé. Saíndo desta piscina podia dirigir-se diretamente até à Piscina B através de um acesso no extremo Oeste da sala.

O NINFEU

No exterior, inserida num pórtico semicircular e sem comunicação direta com as termas, podia observar uma nascente monumentalizada em forma de poço, denominada de ninfeu. Tratava-se de um templo consagrado às Ninfas, divindades da água, mas também as guardiãs deste lugar telúrico. Este poço de planta retangular, em *opus caementicium*, com um 1,70m de profundidade, era cheio de água termal e rematado por um tímpano triangular decorado com uma rosácea.



PISCINA B

Quando entrava na sala onde se encontra a Piscina B, o impacto era ainda maior. Esta é a maior piscina do complexo, com quase 14 metros de comprimento, 9 metros de largura e uma profundidade de pouco mais de 2 metros. Nos lados encontravam-se mais quatro pequenas piscinas individuais às quais podia aceder se, para tal, tivesse pago um pouco mais.

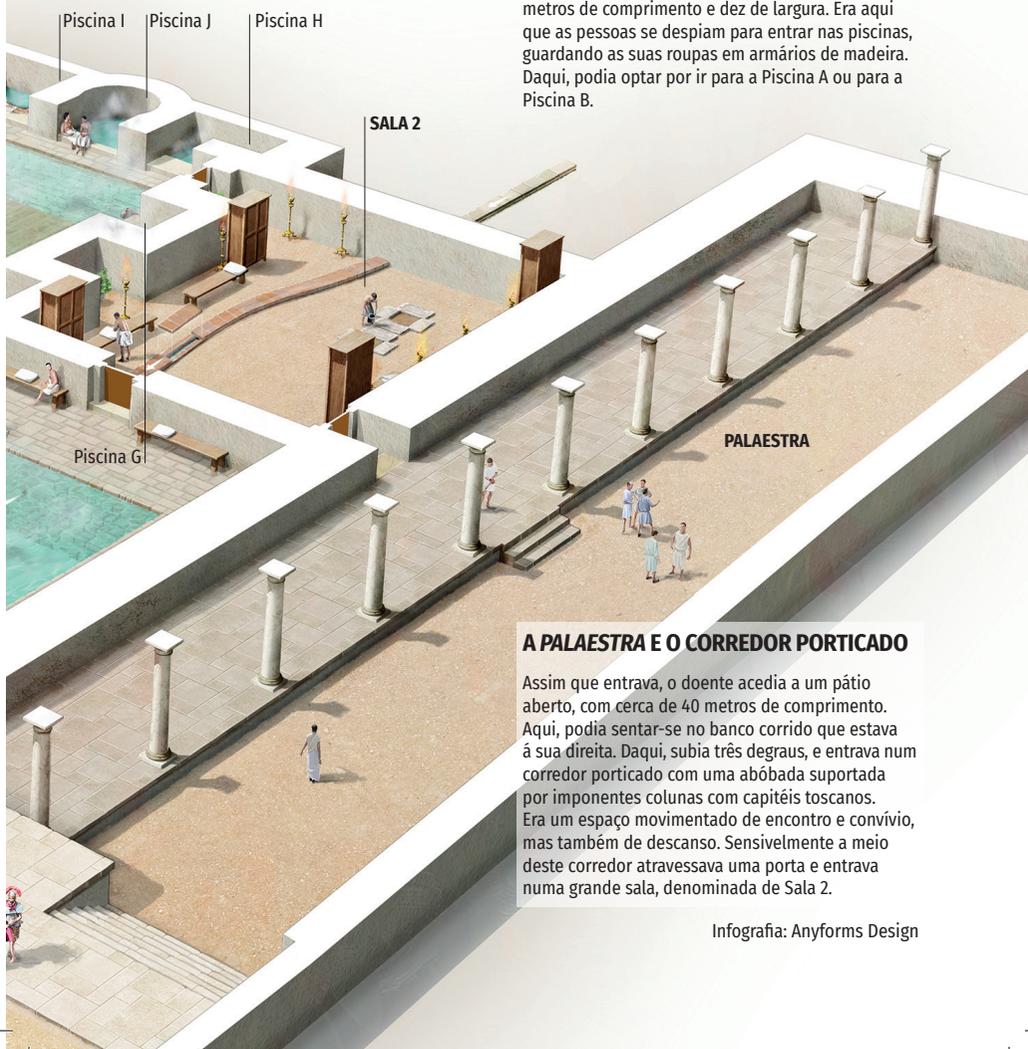
Ao centro, no topo, podia ver um nicho com uma piscina semicircular onde se fariam banhos por aspersão mediante a utilização de um balde. A ladear este nicho encontram-se mais duas pequenas piscinas, ainda não totalmente postas a descoberto, com apenas meio metro de profundidade.

Uma escadaria com seis degraus rodeava a grande piscina, ao fundo da qual estava um estrado de madeira. De facto, os trabalhos arqueológicos colocaram a descoberto no fundo da piscina, 40 cubos em granito, dispostos em intervalos regulares, por forma a suportar barrotes em madeira sobre os quais assentava um estrado. Este, permitia ao aquista não queimar os pés e diminuir a profundidade da piscina para 1,60m.

Após o banho curativo, retornava à Sala 2, onde se vestia e saía. Já no exterior, o banhista dirigia-se até ao ninfeu onde colocava um ex-voto às Ninfas.

SALA 2

Esta era uma grande sala abobadada, com quinze metros de comprimento e dez de largura. Era aqui que as pessoas se despiam para entrar nas piscinas, guardando as suas roupas em armários de madeira. Daqui, podia optar por ir para a Piscina A ou para a Piscina B.



A PALAESTRA E O CORREDOR PORTICADO

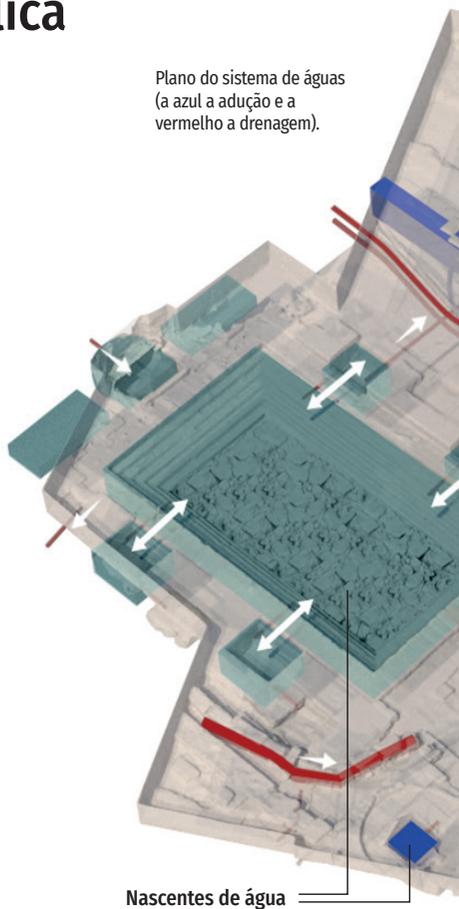
Assim que entrava, o doente acedia a um pátio aberto, com cerca de 40 metros de comprimento. Aqui, podia sentar-se no banco corrido que estava à sua direita. Daqui, subia três degraus, e entrava num corredor porticado com uma abóbada suportada por imponentes colunas com capitéis toscanos. Era um espaço movimentado de encontro e convívio, mas também de descanso. Sensivelmente a meio deste corredor atravessava uma porta e entrava numa grande sala, denominada de Sala 2.

A Engenharia hidráulica

■ Para que tudo funcionasse na perfeição, foi necessário pensar este edifício ao pormenor. Após escolherem criteriosamente o local, os construtores identificaram quais os pontos de nascente que queriam ativos. Depois, impermeabilizaram todo o terreno com a colocação de uma espessa camada de *opus caementicium* (betão). Desta forma, as águas pluviais e do rio não se misturavam com as águas mineromedicinais.

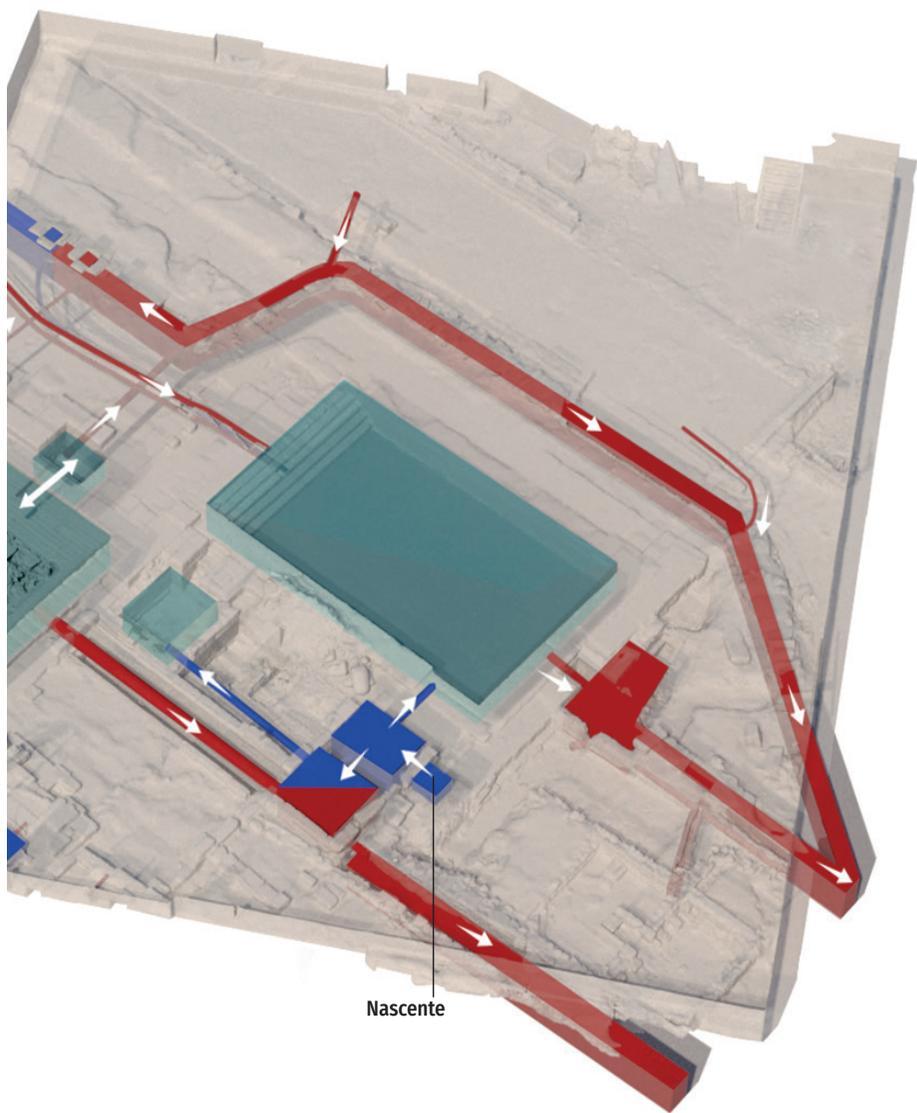
■ Os materiais foram escolhidos de acordo com o que se queria construir. As piscinas eram forradas a *opus quadratum* (silhares paralelepípedicos dispostos em fiada), em granito. Este aparelho em pedra era, por sua vez, revestido a *opus signinum*, uma argamassa impermeabilizante feita à base de telha moída. As paredes eram rebocadas e a cobertura abobadada era, provavelmente, estucada. O teto assim construído e estucado, seria decorado com caneluras que acompanhavam a sua curvatura, permitindo que a água condensada escorresse lateralmente e não caísse, arrefecida, sobre o aquista. Verdadeiramente admirável, é o inteligente sistema de abastecimento, de condução e de drenagem das águas. Efetivamente, foi necessário pensar como é que as águas termais, que estavam a três metros abaixo do nível das casas, chegavam até às piscinas. Assim, após terem forrado o solo com uma grossa camada de concreto (*opus caementicium*), deixaram quatro pontos de extração de água termal: um no fundo da piscina B, outro no ninfeu, outro num poço junto à Piscina A e outro algures a norte.

Plano do sistema de águas
(a azul a adução e a vermelho a drenagem).



Nascentes de água

Quando era necessário esvaziar as piscinas para limpeza ou arranjos, usavam canais e comportas que conduziam as águas para o exterior, através das cloacas (condutas). Junto à Piscina A podia observar uma singular obra de engenharia hidráulica: o *castellum aquae*. Trata-se de um reservatório de onde se distribuía a água pelas piscinas A e C que era extraída de um poço de captação localizado a sul do edifício. Depois de ser filtrada por uma camada de areia no fundo, a água era, então, conduzida até às piscinas.



O fim

■ Um dia, nos finais do século IV, a terra tremeu violentamente. As abóbadas que cobriam as piscinas caíram apanhando os banhistas desprevenidos. Mas, a história continuou e no século V, foram desobstruídas e

isoladas as Piscinas B e C. O fim das termas aconteceu no século IX. Séculos mais tarde, no século XVII, o espaço foi atravessado pelo Meio Baluarte da Vedoria, parte da antiga praça-forte seiscentista.

Os achados

■ Após a derrocada que o terramoto provocou tudo o quanto estava no interior das termas ficou selado. Por isso, foram encontrados inúmeros artefactos que retratam o dia-a-dia das termas.

Para além da cerâmica e da pedra, foram achados artefactos em madeira, vime, osso e metal num excelente estado de conservação.

Destaca-se a presença de pentes e taças em madeira, uma *ampulla* (recipiente em forma de cantil), alfinetes para cabelo em osso, pulseiras em bronze, contas de colar em cornalina e azeviche, pinças e espátulas relacionadas com

a higiene pessoal, estiletos de bronze usados para escrever sobre tabuinhas de cera e facas de afiar cânamos.

Caída no fundo da Piscina A, foi encontrada uma cabeça em mármore representando uma jovem e uma pequena ara.

Mas, de todas a s peças, aquela que mais se destaca pela sua raridade foi o *pyrgus* (torre para lançar dados), junto do qual se encontravam dois dados em osso. Os trabalhos arqueológicos permitiram identificar nozes, castanhas, caroços de pêsegos e de ameixas que testemunham o consumo destes frutos no balneário.



Cabeça em mármore de jovem cerca de 220-235 d. C.
Foto: José Alfredo



Pyrgo de Chaves.
Foto: Pedro Maia, Arqueologia e Património



Jogo num dos degraus da piscina B.
Foto: José Alfredo

Atividades lúdico-pedagógicas: a jogar se aprende

■ É tendo por base o achado de uma torre de jogo, um *pyrgus*, e dos seus respetivos dados, esmagados sob os escombros das Termas Romanas, bem como de um tabuleiro de jogo gravado num dos degraus da Piscina B, que se concebeu um conjunto de atividades lúdico-pedagógicas que assentam sobre alguns dos jogos que eram praticados pelos romanos. Tratam-se de jogos de destreza,

de sorte/azar e de estratégia que se adaptam aos diferentes ciclos de ensino e, conseqüentemente, ao grau de abstração e dificuldade exigidos. Por outro lado, e com a tônica em “*Aquae Flaviae sê romano*”, pretende-se que os grupos escolares que visitam as termas adquiram noções de como a sociedade romana preenchia os tempos de ócio e de como o jogo era uma ferramenta de aprendizagem para os mais novos.

Como suplemento a este Caderno, encontra-se disponível um conjunto de informações complementares sobre as atividades lúdico-pedagógicas, bem como planos de aula que enriquecem e alicerçam a experiência da visita às termas.

Estes encontram-se disponíveis no site museudastermasromanas.pt



TERMAS
ROMANAS
CHAVES

Largo do Arrabalde,
5400-093 Chaves

+351 276 340 500

museutermasromanas.chaves.pt

Promotor
Câmara Municipal de Chaves

Texto:
Maria de Fátima Beja e Costa
Pedro Sobral de Carvalho

eon

INDÚSTRIAS CRIATIVAS, LDA.

Design Gráfico

 anyformsdesign.com

Ano 2021

Impressão e acabamentos:
Tipografia Beira Alta, Lda.



município de
Chaves

NORTE2020

PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL DO NORTE

PORTUGAL
2020



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional